



O RASTRO DA MORTE

VINTE MINUTOS DEPOIS, o movimento no posto de controle tinha diminuído ainda mais. Se os forasteiros queriam rezar em Jerusalém, deviam ter chegado mais cedo, porque já passava da hora do culto. No movimento inverso, poucos deixavam a cidade, preferindo ficar em casa, perto dos templos sagrados, onde julgavam ser mais seguro. Raramente um carro de passeio ou um ônibus parava na cancela, e a inatividade deixou os soldados entediados. Era o início de um dia frio e lúgubre na Terra Santa.

Dez homens guardavam a rodovia, todos armados, trajando uniformes verdes do exército – dois na guarita, três no jipe, dois no tanque de guerra e mais três circulando. Um destes, aborrecido, se afastou, pôs uma lata vazia de tinta sobre o pau de uma cerca, perto da plantação de oliveiras, e começou a praticar tiro ao alvo. Errou a primeira, então deitou o pesado capacete de combate no chão, para aprimorar a mira da arma.

Um dos oficiais na guarita, o mais graduado, fez vistas grossas ao passatempo, até porque não havia civis por perto nem carros na pista. Mas aí avistou uma motocicleta adiante e repreendeu o soldado.

– Yitzhak! Pare de brincar com o rifle e retome posição! – gritou.

O atirador, chateado por ter que voltar ao trabalho, pôs o fuzil nas costas e regressou à cancela. Nem se lembrou de pegar o capacete, deixando o objeto perdido no campo.

Com a visão ainda turva de sono, observou que o condutor do veículo a caminho era um homem enorme, de rosto ameaçador e olhos sinistros. Como se não bastasse, percebeu que a moto não tinha placa, o que o levou a crer que era irregular ou fora roubada. Fez sinal ao superior, e os soldados ficaram atentos.

Apollyon, o Exterminador, conduzia o transporte. Por um momento fugaz, pensou em passar direto pelos guardas do posto e nem dar atenção aos seus tiros, mas não estava com pressa. Uma vez encontrado o rastro do Anjo Renegado, podia segui-lo até o fim do mundo, se assim precisasse. Portanto, não teria problemas em achá-lo na Cidade Velha – e ele tinha certeza de que o guerreiro iria para lá.

Desligou calmamente a motocicleta roubada com um giro do guidão e esperou a abordagem do guarda.

– Preciso ver seus documentos – anunciou o vigilante, sem formalidades e já com o dedo tremendo no gatilho. – Senão não poderá prosseguir.

– Não poderei? – caçou o demônio. – E quem vai me impedir?

O soldado, imaginando ter um terrorista à frente, arregalou os olhos e recuou três passos. Ele sabia que alguns guerrilheiros usavam bombas presas ao corpo. Os outros militares estavam alertas, de armas em punho. Se o motoqueiro tentasse qualquer coisa, seria alvejado.

Apollyon equilibrou a moto no apoio e desceu. Alarmado diante de tão temível figura, o jovem levantou o rifle automático e o apontou na direção do inimigo.

– Pare! Fique quieto aí. Nem pense em se mexer – ameaçou.

O infernal gostava quando os seres humanos sucumbiam ao pânico. Ver sua inútil reação ao terror era uma coisa que lhe dava prazer. Quanto mais indefesa a vítima, melhor.

– Eu já voava sobre estas terras quando você nem era projeto de sêmen – rosnou o malikis, cerrando os punhos. – Sozinho, devastei Sodoma e Gomorra. Promovi calamidades, fomentei chacinas, atirei crianças em poços. Nasci com a criação, há milhares de anos, e inúmeras vezes praguejei contra o trono de Deus. Portanto, acho que não lhe devo obediência.

O soldado, descontrolado, levantou o cano e ia atirar, mas Apollyon foi mais rápido. Esticou a mão e o rapaz foi misticamente atraído para ele, como metal em direção ao ímã. Com os dedos possantes, o duque apertou-lhe a garganta, estrangulando-o antes que pudesse gritar. Depois, o assassino lançou o corpo inerte em direção à guarita, e o cadáver quebrou os vidros do posto, estatelando-se no chão com o sangue a jorrar do pescoço.

Perplexos pela audaz violência, os outros militares demoraram a reagir, mas quando o fizeram não deixaram barato, e puseram-se a atirar com todo o fervor. Evasivo, o demônio correu para frente e pulou através da janela quebrada, invadindo a guarita, um lugar apertado, impróprio para o disparo de fuzis. Ao ver que o caçador avançava, os soldados cessaram os tiros, para não ferir os dois oficiais que estavam dentro do posto. Pensaram que estes, armados, dariam conta do feroz guerrilheiro.

O Exterminador irrompeu pela janela e saltou como um gato selvagem sobre um artilheiro de guarda, imobilizando-o no solo. O segundo tentou sacar a pistola, mas um golpe rápido e fatal esmagou-lhe o crânio. Em seguida, Apollyon voltou-se ao homem a seus pés. Com as duas mãos, apertou a cabeça humana e a arrancou do corpo, com o sujeito ainda vivo a berrar.

Dois recrutas, aqueles que circulavam a pé, horrorizados e tomados pelo choque, debandaram, cruzando a cerca e correndo para as colinas. Restavam agora, calculou o demônio, três oficiais no jipe e dois dentro do tanque.

Ao reparar que seus colegas no posto de controle já estavam perdidos, um dos militares, a distância, tomou a metralhadora de grosso calibre, que ficava apoiada na parte traseira do automóvel, e abriu fogo. Os outros dois, no assento do motorista e do carona, pularam para trás buscando cobertura e, quando se acharam seguros, fizeram disparos na direção da guarita, com suas armas de mão. Enquanto isso, os oficiais do tanque esperavam, preparados, para usar armamento pesado.

A fumaça das balas obscureceu a visão dos vigias, e o cheiro de pólvora irritou seus olhos. Estavam certos de que daquela vez, e a muito custo, haviam liquidado o terrorista, mas não enxergavam seu corpo. Baixaram os rifles e então, quando tudo parecia tranquilo, o Exterminador saiu ileso pela janela do posto e, com um pulo descomunal, arremeteu sobre os homens do jipe.

Um chute veloz, quase invisível, arremessou para longe o artilheiro e inutilizou a metralhadora apoiada. Os condutores do tanque, refugiados no interior da cabine, decidiram atacar, mesmo pondo em risco a vida de seus companheiros – estavam igualmente amedrontados. Foi assim que uma rajada de balas finalmente atingiu o abominável homicida, enquanto um projétil perdido resvalava a cabeça de um dos soldados em combate. Os dois tombaram, supostamente mortos, ou pelo menos assim pensaram os atiradores humanos. Nenhum homem normal resistiria a cem tiros no corpo.

O único sobrevivente do jipe, ainda atônito, largou o fuzil. As pernas tremiam diante da barbárie de sangue e corpos, e o coração batia nervoso. A es-

cotilha do tanque se abriu como uma porta para a salvação, e um dos dois condutores pôs a cabeça para fora.

– Você está bem? – perguntou em hebraico.

O soldado não respondeu – uma reação ao pavor. Preferiu, em vez disso, correr em busca de abrigo dentro do veículo blindado. Mas, antes que conseguisse chegar, um dos corpos tombados o agarrou pela bota – era o do terrorista. Não estava morto, afinal. Nem sequer se ferira!

– Não! – berrou o soldado, chocado. – Largue-me!

Ao ver tão grotesca aparição, que desafiava os limites humanos, os homens do tanque, prevendo nova carnificina, não pensaram duas vezes e trancaram a escotilha, sem esperar pelo colega. Já estava condenado, sabiam.

Apollyon ergueu-se do chão. Com a roupa marcada por buracos de bala, levantou o vigilante pelo pé, de cabeça para baixo. O infeliz berrava e se debatia.

– Vocês são tão frágeis e patéticos quanto toscas esculturas de barro – comentou o assassino. – Não passam de animais despelados.

– Solte-me! – o soldado implorava. – Por Deus, me solte. Eu me rendo.

– Deus? – perguntou o demônio, virando-o de cabeça para cima e agarrando seu rosto com a mão gigantesca. – Grite quanto quiser. Ele não vai escutá-lo.

Com isso, o caçador empurrou sua presa contra a carcaça metálica do blindado. Pressionou a face em contato com o ferro, até a caveira estourar. O cérebro do homem vazou pelos olhos.

Os condutores do tanque, sem moral para lutar, agora só pensavam em fugir. Acionaram a marcha a ré e manobram o veículo para fora da estrada. Mas o infernal estava determinado a matá-los.

Com sangue nas mãos, o malikis escalou o transporte, chegando à escotilha no topo. Era forte como doze homens, mas talvez não tanto a ponto de trespassar a blindagem. Para isso, o demônio guerreiro confiava em uma técnica marcial semelhante à Ira de Deus, herdada de seus tempos de general celeste.

Concentrando a energia de sua aura nos punhos fechados, ele desferiu um soco aterrador, que abriu um buraco na parede do tanque, deixando os condutores à sua mercê.

Pasmos, os homens estacaram ao observar o assassino dobrar o metal. Eram incapazes de detê-lo. E assim morreram, sem poder reagir. Essas eram as principais vítimas de Apollyon – indefesas, inermes contra seus poderes terríveis.

Apollyon era um malikis, e os malikis não têm honra. A justiça não os persegue, apenas a morte.

O rastro da morte.